



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE
Proprietário, director e editor
MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 62 a 68

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 24

SUMMARIO: Pela India — Carta do Porto — Em S. Luiz — Concertos — Noticiario

Pela India

(Continuação do numero 391)

Os polycordios mais vulgarizados na India são o *kin*, especie de harpa portatil, de origem transgangetica, com 21 cordas, a *svara-mandala*, que tem ordinariamente o mesmo numero de cordas mas pertence á familia dos salterios, e o *santir*, talvez de origem persa, cujas cordas se percutem com martellos. Quanto aos intrumentos de teclado, engenhoso aperfeiçoamento d'estas duas ultimas especies, são absolutamente desconhecidos e, pela sua índole, não se poderiam mesmo applicar praticamente ao complicado systema musical da India ⁽¹⁾.

Os instrumentos de sôpro gozam de muito menos favôr que os de cordas e de percussão. Se exceptuarmos a flauta nasal e alguns instrumentos de bocal, o seu uso é interdito ás castas superiores pela severidade das leis religiosas. São no emtanto usados na India desde a mais remota antiguidade. O *Natya-çastra* cita a flauta de bambu (*vamça*) que ainda hoje se adopta sob o nome de *murali* e o buzio (*çankha*), que é de uso corrente em todos os templos indios. Tanto estes como a trompa de çifre ou de metal (*çringa*), chamada *xinga* em Goa, e uma numerosa variedade de trombetas (*turi*, especie de clarim; *nafari* e *kurna*, trombetas direitas; *rama-çringa*, longa trombeta de 2 metros, especialmente consagrada aos serviços funebres), foram mencionadas nas escripturas classicas e nas epopeias, e muitas d'ellas figuram nas pinturas e esculpturas dos tempos antigos. O mesmo se pode dizer dos instrumentos com reservatorio d'ar, genero cornamusa ou gaita de folles, que na nomenclatura instrumental indiatica tomam as designações de *pungi*, *tubri* ⁽²⁾, *moshuk*, *s'ruti-upanga*. Mas de todos esses instrumen-

(1) Nem teriam grande utilidade. Os instrumentos de teclado são essencialmente *harmonicos* e na musica india emprega-se exclusivamente a *melodia*, como tenho dito. O acompanhamento da voz humana, confiado a s instrumentos musicos, é sempre uma dobra em unissono ou em oitava. Quando muito, resalta do conjunto a monotona pedal das cornamusas ou o insistente e grave bordão dos timbales, destoando forçadamente da melopeia dominante; mas essas e outras sonoridades secundarias da orchestra india são o fundo sonoro, a atmospha vibrante que envolve o pensamento musical, sem ter a pretensão de constituir *harmonia*, no sentido moderno e europeu da palavra.

Como succede na môr parte dos paizes orientaes, a musica india é absolutamente homophona, mas possui uma varied de infinita de formulas e uma tal riqueza melodia que suppre de algum modo a ausencia do elemento harmonico.

(2) E' com o *tubri* que se fazem acompanhar os domadores de serpentes nas suas exhibições ao ar livre. Muitas vezes, fazem preceder o seu trabalho por uma invocação, uma especie de salmodia, em que pedem á divindade que os preserve da mordedura dos reptis.

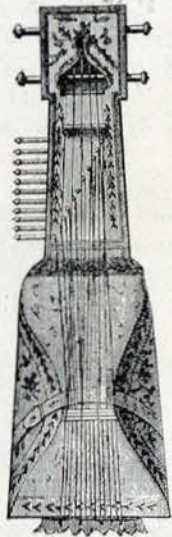
tos o mais classico e o mais venerado é a flauta de canna, a flauta do deus Krishna, que occupa na litteratura da India o mesmo logar d'honra que a lyra d'Apollo na mythologia hellenica, e ainda hoje é usada pelos brahmanes em determinadas solemnidades cultuaes. Essa é tocada com as narinas, e não com os labios, como todos os instrumentos similares.

Semelhante ás antigas flautas doces ou de bisel, ha o *nuy* pastoril, a *sarala-vamçi* e a *algoja*, esta ultima provida ás vezes de dois tubos d'insufflação.

No genero dos oboés, isto é, com dupla palheta, citam-se o *nagasara*, o *mukavina*, o *sanai* e outros. Mas o typo mais curioso d'esta populosa familia instrumental é o *nyastaranga*, que não se toca com os labios nem com o nariz. Em vez de embocadura tem um disco metallico, em que se colloca um pedaço de teia d'aranha; applica-se esse disco em um dos lados do pescoço, no logar das cordas vocaes, e aspirando fortemente o ar, canta-se um qualquer trecho, que o instrumento reforça de tal modo que nos dá a impressão de um instrumento de palheta.

Antes de abandonar os instrumentos de sôpro, devo esclarecer que em todos os que teem orificios, como as flautas, oboés, etc., o indio encontra meio de fazer sentir as subtilidades de afinação tão necessarias no seu systema melodico. O *s'ruti* é obtido n'esses instrumentos por varios modos, pela embocadura, tapando meio orificio, ou com um pequeno tremolo do dedo sobre o mesmo orificio.

São ainda mais numerosos os instrumentos de percussão, attingindo os tambores e timbales, nos tempos antigos, a cifra verdadeiramente extraordinaria de cem variedades. São dos mais considerados na India e participam de algum modo do caracter sagrado que os Védas attribuiam ao *dumdubh*, especie de timpano de barro, coberto com a pelle de um animal sacrificado e baticido com a cauda do mesmo animal. Ao contrario do que succede nos paizes europeus, onde só os timbales se afinam com som determinado, a mór parte dos instrumentos de membranas são sujeitos a uma afinação certa.



Sarungia de Mourched (districto de Bengala)

Conforme a dimensão ou materia de que são construidos, tomam esses varios tambores os nomes de *murdanga* (1), *mardala*, *khol*, *dhol*, *kara*, *jagajhampa*, *dugduga*, quando teem duas membranas; *tablá*, *banya*, *panava*, *nagara*, *nahabet*, *tasa*, *gatha*, quando dispõem de uma unica membrana. N'esses tambores e timbales, alguns de minusculas proporções, executam os indios os mais estonteantes rythmos, tocando-os umas vezes com baquetas, outras, a maior parte, simplesmente com as mãos.

Dos tambores manuaes, ou pandeiros, tambem ha grande variedade: o *duff* octogonal, cuja parentela com o nosso *adufe* não é sómente etymologica; o *dara* redondo; o *khanjari*, de forma e construcção analogas ao pandeiro europeu, e outros ainda que não vale a pena enumerar em estudo tão superficial como este.

Os cymbalos e gongs, sob o nome generico de *talas* e *gharis*, os sinos e campainhas (*ghanta*), os guisos (*ghunghura*), os aneis metallicos (*nupura*), as castanholas (*kurtar*, *chacra*, *khattala*) e até as marimbas (*kinneyry*) são conhecidas na India e empregadas em muitas circumstancias, na musica dos templos, nas danças do povo e das bailadeiras (2), e de um modo geral nos agrupamentos orchestraes a que esses diversos timbres podem dar colorido e realce.

Na obra anteriormente citada de C. R. Day descrevem-se em pormenor as varias composições ou grupos instrumentaes que se usam na India em diversas circumstancias da sua vida artistica e cultural.

(Continúa.)

(1) No interessante *Golssario de termos indiaticos e indo-portuguezes* com que o dr. Alberto Osorio de Castro fecha o livro já citado, *A Cinza dos Myrthos*, encontra-se a seguinte informação. A pelle, com que se cobre esta especie de tambores, é a de um pequeno saurio, chamado *talogoia* (*lacerta iguana*), em Damão chamado *cavallo do diabo*.

(2) As Hiérodulas dos templos brahmanicos. *Déva-Dassy* (escravas dos deuses) é o seu *official name* na India, segundo Yule e Burnell.

Em concanin e mahrathi são chamadas *Calávamta* ou *Calvamt*. Bayadère é a forma afranceezada da palavra portugueza *Bailadeira*. «Mulheres bailadeiras», diz Gaspar Corrêa. Tambem é ouvida em Goa a forma *Bailadora*, provavelmente da forma masculina *bailador*, que se encontra no *Foral* de Affonso Mexia, para designar os homens da casta, que lhes acompanham com instrumentos o canto. Formam uma casta.

Carta do Porto

XV

A orchestra Pedro Blanch

Pode assegurar-se que tudo quanto o Porto conta de mais saliente em todas as classes se encontrava no theatro Aguia de Ouro nas duas noites de concertos da orchestra Pedro Blanch. A sala, que não é linda, depois da reforma que soffreu tem um aspecto alegre, acieado e está profusamente illuminada. Raras vezes ella terá ostentado galas como n'aquelles memoraveis concertos, pela elegancia e distincção da assistencia, que não deixou um logar devoluto e pela imponencia da arte soberanamente bella que alli se fez, n'uma consoladora affirmacão de valia para musicos portuguezes, reflectindo o trabalho consciente, experimentado e artistico, do cerebro que os guiou e conduziu a tão surpreendente disciplina, n'um lapso de tempo que diremos insignificante em relação á grandeza do intento em meios não preparados.

Não é o theatro Aguia d'Ouro dotado d'uma excellente acustica — oxalá esse problema tenha satisfactoria soluçào no nosso novo theatro lyrico prestes a concluir-se — mas ainda assim, nada obistou á percepção dos mais minuciosos detalhes da interpretação das obras executadas, que envolviam responsabilidades serias para uma orchestra que se apresentava pela primeira vez a um publico exigente, tendo ouvido quasi todas essas obras a orchestras de Paris, Berlim, Munich, Madrid e outras, e cujo publico na sua quasi totalidade só aprecia por confrontos faltando-lhe a base para o fazer sob um criterio artistico independente. Esta pecha dos publicos portuguezes é verdadeiramente terrivel. Não houve ninguem que chegasse de Lisboa dias antes de nos visitarem as suas orchestras, nem quem recebesse carta de pessoa amiga que não transmittisse informações d'este genero: orchestra A — boa corda, excellente flauta, maus metaes; orchestra B — metaes excellentes, oboé disticto, e um violoncello primoroso. Se na capital houvera a orchestra C ouviriamos talvez dizer — contrabassos emulos de Nany ou do fallecido Botesini, pancadaria de meter os tampos dentro, um flautim delicioso, etc. Ora isto não são processos de apreciação. Uma orchestra é um organismo que tem de ser apre-

ciado em conjuncto, segundo a execuçào sempre mais ou menos variavel de cada uma das obras que interpreta não sendo attingivel a ideal perfeição para todas, dada a diversidade de criterios individualistas creada pela sua audição. Foi n'um estado d'alma preparado por informações d'aquelle jaez, que o publico se dirigiu ao theatro para *confrontar* a realisacão dos dois magistraes programmas da orchestra Blanch, com a que outras orchestras celebres lhe offereceram das mesmas obras. Não se importou com isso Pedro Blanch. Organizando os seus programmas com o que de melhor conta no repertorio da sua orchestra, elle teve a nosso vê apenas a idea de prestar a maior prova de consideracão ao publico portuense, do qual a parte mais culta se não mostrou indifferente a tal manifestacão de seriedade artistica e provada gentileza.

A orchestra symphonica de Pedro Blanch obteve no Porto um incontestado triumpho que por largo tempo ficará gravado no espirito de todos os seus membros. O mestre conseguiu suprehender-nos pela maleabilidade da sua phalange, bem disciplinada, calorosa e entusiastica, sabendo fazer um *pianissimo* e percorrendo toda a escala de gradações do vivificante colorido e accentuacão que as grandes obras orchestraes não dispensam para serem comprehendidas. N'este resultado se contem o maior elogio ao notavel talento de Pedro Blanch como director de orchestra. O grande trabalho e a affirmacão de saber do mestre não estão no acto de dirigir perante o publico, mas sim na preparacão, nos ensaios, na fórma de ensinar um artista a executar uma passagem, na explicacão do character da obra e da sua maneira de a interpretar, no conselho, no esforço constante para uma perfeita disciplina e no poder de suggestão sobre os executantes levando-os á communhão da sua propria emotividade. Tudo isso o publico ignora. Elle só vê os gestos e por elles avalia temperamentos e aptidões. Ha partidarios acerrimos das attitudes elegantes e academicas de Nikisch ou exuberantes de Lassalle, mas felizmente tambem os ha da natural sobriedade de Weingaertner, de Lowe, de Chevillard, de Strauss e de Richter. Este velho e extraordinario mestre obtem da sua orchestra a emoção mais intensa e calorosa, apoiando naturalmente a mão esquerda sobre o coração! Que mais seria preciso para indicar a uma phalange intelligente que toque com alma?

Ora o que o publico portuense não podia deixar de avaliar desde logo é que tão hon-

roso conjuncto orchestral, tinha forçosamente de ser a consequencia d'um excepcional talento do regente, alliando á experiencia a paixão da sua arte, a tenacidade, o estado, o sangue frio e recebendo até da propria natureza o precioso dom d'uma memoria rara. A todos foi dado comprehender tambem, e consoladoramente, que a Orchestra Symphonica Portugueza conta elementos que exaltam os creditos e as aptidões innatas dos musicos portuguezes. Prova-o com exhuberancia o equilibrio da corda, a suavidade e justeza de ataque dos metaes isentos de estridencias, a excellencia de som da flauta, a doçura de timbre do clarinete, a distincão do oboé, a qualidade do primeiro fagote, etc. Tudo isso concorreu para uma surpresa por demais agradavel, que se traduziu em ovações colossaes, constantes, interminaveis a Pedro Blanch e aos seus artistas que raramente terão desempenhado a sua missão com mais *entrain*. Naturalmente houve, e não podia deixar de ser, peças que obtiveram execução mais homogenea e perfeita do que outras; mas para recommendar a orchestra Blanch sob o ponto de vista da expressão, da unidade e da *nuance* bastaria citar *Le Rouet d'Omphale*, a abertura da *Leonora* (n.º 3) de Beethoven, o *andante* da *Symphonia incompleta* de Schubert, o poema de Liszt — *Tasso* — tudo isto extraordinariamente bello e magistralmente executado. Depois d'isso todo o Wagner, do *Tannhauser*, dos *Mestres Cantores*, dos *Murmurios do Siegfried*, da *Cavalgada das Walkyrias*, foi uma affirmacão constante do valor da orchestra e do seu illustre director. Bisados o *Motu perpetuo* de Paganini e a *Fileuse* de Mendelssohn.

Como obra maxima dos programmas lá estava a *Symphonia em dó menor* de Beethoven. Já um musicologo celebre escreveu que «esta symphonia foi em todos os tempos objecto d'uma predilecção particular por parte de todos os regentes d'orchestra. E' a peça de effeito em que a auctoridade da sua batuta se pode manifestar com mais brilho. Assim todos teem a ambição de a dirigir ou antes de a dirigir muito bem». D'ahi resulta que sendo ella uma das obras do genial compositor que evoca um mundo de sensações, é ella tambem a que mais tentou a interpretação litteraria, e provoca nos *maestros* a tentação de interpretações differentes. O nosso espirito confunde-se, e n'este estado me encontro, sempre que tenho de entrar em apreciação da execução d'esta symphonia, por tantos mestres celebres a tenho visto dirigir.

E' dogmatico que o estylo Beethoviano perde muito da sua grandeza, quando interpretado com *trop de recherches*, mas é tambem certo que muitos directores illustres, especialmente perante certos publicos, se não furtam a arrastal-os á emoção por meio do exaggero das *nuances* e d'um excessivo rebuscamento da accentuação. O meio termo será talvez o ideal. De qualquer das fórmulas devemos confessar que nos agradou muito a interpretação de agora especialmente no *Scherzo* e no *Final*.

Finalmente, a impressão geral da orchestra Blanch entre nós, é extraordinariamente honrosa para todos, havendo o unanime desejo de que na proxima epocha venha receber no Porto o mesmo festivo e entusiastico acolhimento da sua primeira apresentação.

Esquecia-me mencionar que se realisou ainda uma *matinée* no Jardim Passos Manoel, com programma mais leve mas interessante, destinada ás pessoas que não conseguiram obter bilhetes para os concertos. Teve tambem um bello exito e grande concorrência que ovacionou largamente o illustre *maestro* e a sua orchestra.

ERNESTO MAIA.



Em S. Luiz

Ex.^{mo} Sr. Redactor.

Tomamos a liberdade de lhe pedirmos um cantinho da sua interessante Revista, para relatarmos ao correr da penna a impressão recebida ao assistirmos á festa que se realisou na igreja de S. Luiz dos francezes e cujo programma constou do seguinte:

A's oito horas da manhã, missa rezada com orgão e communhão geral. !

A's dez horas, missa cantada. Allocução pelo reverendo monsieur Courdent, vindo expressamente de Paris para as predicas do mez de Maria em S. Luiz.

Execução pelo quarteto *Francisco Benetó, Cecil Mackee, Antonio Lamas, D. Luiz da Cunha*, da «Missa Secunda Pontificalis» de Lorenzo Perosi, com acompanhamento d'orgão e 50 vozes.

Pelas 5 1/2 da tarde, Veni Sancte, Panegyrico de *Jeanne d'Arc*, por Monsieur Courdent.

Cantico a Jeanne d'Arc seguido da benção do Santissimo Sacramento, com orchestra. Panis Angelicus de «Cesar Franck», que foi cantado com primor pelo barytono e maestro compositor Léon Janet, distincto organista de S. Luiz. Litanias a trez vozes de *Lorenzo Perosi*, Ave Maria de Victoria, a quatro vozes (seculo XVI). Da Pacem a quatro vozes de *Boyer*. Tantum Ergo, a quatro vozes (seculo XVII) e por fim «l'Étendard» marcha triumphal dedicada a «Jeanne d'Arc».

Esta festa foi promovida pela sr.^a Condessa de Rilvas, pertencente a uma das mais nobres familias da França (Orfeuille e «Sainte Marie du Nozet»), hoje portugueza pelo seu casamento com o Conde de Rilvas, mas sempre franceza pelo seu coração que sangra dolorosamente n'este momento actual de carnificina humana, tendo varios parentes expostos ás balas inimigas.

Esta illustre senhora recorreu á maioria da colonia franceza e por meio de subscrição mandou vir de Paris uma estatua de «Jeanne d'Arc», em marmore, em honra da qual organisou a festa que teve logar no dia 23 de maio passado. Todos os louvores são poucos para agradecermos á Sr.^a Condessa de Rilvas as horas de deliciosa sensação que nos proporcionou extasiando-nos o bom gosto da ornamentação deslumbrante da egreja, onde dominava o branco e o azul palido, piedosa e patriótica manifestação de sentimento artistico e que foi deveras brilhante e commovente. O aspecto da egreja fazia-nos transportar a imaginação para um paraizo ideal! A Virgem Maria com o Menino Jesus nos braços, lá de cima do seu altar dominava o esplendido quadro! A seus pés, n'uma escala descendente, lindissimas flôres matizam o caminho que conduz até junto dos fieis. As velas de luz electrica illuminam o altar e de combinação com as côres das flôres, sobretudo de umas palmas côr de ouro, dispostas com arte, offerecidas pela Sr.^a Condessa de Rilvas, o conjuncto attingia um tom de mysticismo especial.

Escudada com um estandarte azul e branco, primorosamente bordado a ouro, onde se destaca uma espada atravessando uma corôa rodeada de flôres de lis, cercand-a as palavras *Jhesus Maria*, palavras que a Virgem d'Orleans trazia sempre nos labios como devisa d'esperança; a estatua de «Jeanne d'Arc» toda illuminada e rodeada de flôres, representando o symbolo da victoria para os alliados, guarda a entrada da teia. As luzes allumiam todos os altares, a musica de Perosi enternece pie-

dosamente e vimos correr lagrimas de commoção pelas faces de muitas senhoras e mesmo d'alguns cavalheiros. A um momento dado apparece uma linda menina vestida de branco, tendo no seu chapéo egualmente branco umas lindas azas fazendo-nos lembrar uma pomba imagem da pureza. Esta menina, Marie Dussard, que parecia não andar mas sim deslizar suavemente, atravessou por toda a assistencia a a distribuir medalhinhas com a effigie de «Joanne d'Arc» em homenagem á Virgem d'Orléans. Um ambiente puro e mysterioso preside a esta festa cheia de estetica e de sentimento patriotico. Para os credulos era um Ceo, para os incredulos uma interrogação?... A Fé é uma luz intima de onde irradia a visão interna, é nascente d'Arte, de crença e do Bello em toda a sua grandeza!...

— O descrente scisma e inclina-se em presença da Força occulta que conduz certos seres priverligiados, e que os sustenta nos estados os mais dolorosos de martyrio na Terra! O descrente ri-se do crente, mas o riso jamais provou coisa alguma e o religioso não teme o riso do atheu! O religioso segue e vae nas azas da esperança que o leva a Deus e ao Céu!... Felizes d'esses, pois mesmo na hora do mais agudo soffrimento apoiam-se na sua Fé e os outros succumbem porque a ignoram! Jeanne d'Arc é um exemplo frisante dos effeitos religiosos. O Padre Courdent, orador intelligente, bem nos demonstrou o poder da Fé no espirito da simples aldeã. Foi escoltada por esse grande sentimento que a humilde pastora de Domremy foi uma guerreira superior. Foi obedecendo ás vozes que lhe fallavam que ella foi salvar a França! Sem conhecer nem exercitos, nem fortalezas, nem estrategias de guerra, levou suspensos nas suas palavras e na sua attitude de mulher casta e pura, legiões de homens e venceu batalhas de uma maneira rapida como não ha exemplo na historia. Conduziu Carlos VII a Reims onde foi consagrado Rei. Incutia a maior coragem aos seus soldados, não receiando nem a traição nem a morte cruel que a esperava e que lhe foi prophetisada pelas suas vozes que ella dizia ser Santa Margarida, Santa Catharina e o Anjo S. Miguel. A Fé era a sua bandeira, a sua força, a sua vida, a sua coragem, a sua eloquencia, a sua bondade. E o seu dever era cumprir á risca as ordens do Céu e a vontade da Força occulta que a impellia!

Bello typo de mulher que honra a França! «Jeanne d'Arc» é hoje, *bem tardamente*, achamos nós, incensada pelo mundo

inteiro. Os proprios inglezes que a queimaram devido ás infames calumnias de falsos padres, lhe prestam homenagem e no dia 21 de Maio em Paris provaram-lhe a sua admiração indo depôr flôres e bandeiras inglezas sobre a estatua da heroica bemaventurada! Jeanne d'Arc, não foi só admiravel como salvadora da França, mas tambem como mulher pura e casta que se consagrou a Deus desde muito criança e seguiu a sua missão os olhos fitos em Deus, sempre desviada de tudo quanto fosse imparo e material! — O Padre Courdent foi simplesmente colossal pela fórma simples e clara como nos fez seguir a vida da adoravel Jeanne d'Arc. — Nós que muito a conheciamos admiramos como o illustre orador não omittiu detalhe algum, instruindo brilhantemente os que ignoravam muita coisa da vida da sympatica e sublime aldeã. — Diz-nos ainda o Padre Courdent com a sua voz quente e persuasiva que Jeanne d'Arc patrocinará a guerra actual e que já d'isso nos deu provas — pois tendo sido o seu nome que servira de Santo e Senha, na batalha de Marne viu-se o resultado grandioso que se seguiu a esta invocação!

Soldados de França, pensae na figura gentil e poetica d'essa mulher tão linda e tão pura!

Invocae o seu nome e temos fé que ella vos ajudará na grande Victoria final!

Muito haveria para dizer sobre o assumpto, mas já vai longa esta dissertação e d'isso pedimos mil perdões ao amavel redactor do «Arte Musical» — Resta-nos dizer que á porta da Igreja, tanto no officio da manhã, como no da tarde foram oferecidas insignias commemorativas da «Jornada de 75», organizada em França a favor dos valorosos combatentes. Rendeu esta receita 400:000 réis tendo tido M.^{ms} Ornellas de Bruge a generosidade de mandar 100:000 réis.

Devemos dizer que muito contribuiu para este importante exito a maneira graciosa como as gentis vendedoras abordavam cada um, fallando piedosamente dos feridos da guerra.

Lembra-nos ter visto M.^{elles} Yvonne Touzel, Julietta Jamet, Antonia Laclau, Denise Lathélize, Yvonne Guillaume, Maria Ramin, Maria Bayard e Cachelièvre.

Ficará gravada na memoria da colonia franceza a recordação de tão imponente manifestação patriótica, ligada ao sentimento religioso e artistico que lhe deu um relevo e um encanto «hors-ligne» especial.

O cachet e bom gosto francez dominou brilhantemente e mais uma vez temos o

ensejo de testemunhar aos habitantes da bella França a nossa admiração pelo seu *savoir-faire*, que se distingue sempre onde elles apparecem. Um grande bravo á sr.^a condessa de Rilvas, a quem toda a colonia franceza está grata, pois foi esta illustre senhora, como já dissemos, que iniciou e dirigiu esta festa tão grandiosa, com a collaboração de Mr. Jamet, como eximio cantor e organista, de Mr. Courdent, como brilhante e eloquente orador, do Padre Caullet, superior da igreja de S. Luiz e do Padre Ballester, musico distincto que dirigiu côros.

MADELEINE FRONDONI LACOMBE.



Já acalmou a febre dos concertos, que na epoca actual chegou a tomar fóros de verdadeira crise, e ameaçou submergir-nos sob uma avalanche de colcheias e fusas que parecia eternisar-se. Abrandou a furia, graças a Deus, e na quinzena que ora decorre temos apenas que registrar duas audições, a dos alumnos de Thimoteo da Silveira e a de Ruy Coelho, ambas no Salão do Conservatorio.

Não nos foi possivel assistir á primeira d'essas sessões e bem o sentimos porque, entre as audições de alumnos, cada vez mais frequentes em Lisboa e nem sempre muito interessantes, as do professor Silveira revestem sempre um cunho d'arte de tal modo elevada e com tão grande preocupação de perfeição, que nos julgamos muitas vezes em presença de artistas experimentados e não de simples educandos. E de facto, alumnos como João Queriol, como D. Beatriz Migueis, D. Esther Primo da Costa, D. Maria do Carmo Contreiras, D. Mary Azancot, D. Manuela Santiago, D. Diva Alves dos Santos, D. Juvenalia Ferraz Bravo, e outras muitas que figuravam no programma da brilhante audição de 23 são já, não diremos mestres consumados, mas artistas apreciaveis em toda a parte e que se ouvem em qualquer occasião com grande prazer.

Quanto á apresentação de Ruy Coelho, em 25, eis a nossa impressão pessoal.

Ruy Coelho, conforme fez imprimir no programma (não sabemos com que intuito),

«fez o seu estudo de piano na Allemanha com diversos pianistas celebres, como Eisenberger, Mischa, Demitriescu, Simon. Actualmente estuda com Alexandre Rey Colaço, seu primeiro professor.»

Este ultimo periodo da apostilla é realmente a unica que nos interessa. E estamos convencidos que um tal patronato artistico concorreu poderosamente para que o turbulento rapaz nos apresentasse um admiravel programma com tres obras magistraes — *Preludio e Fuga* de Bach-Busoni, *Preludio, coral e fuga* de Cesar Franck, e *Sonata em si menor* de Liszt, — e, apraz-nos dizel-o, realisasse uma execução muito interessante, muito artistica, muito pessoal, d'essas tres admiraveis obras primas.

Ruy Coelho é evidentemente um pianista em extremo intelligente e vibratil, pondo ao serviço d'esses dotes um mecanismo que muitos lhe invejarão. Apenas lhe notaremos um mau emprego do pedal, que muito prejudicou principalmente o seu Bach, e pouco classicismo na posição, obrigando-o a curvar-se de tal modo sobre o piano que nos dá uma inutil impressão caricatural. Mas são senões faceis de remediar e que não logram amesquinhar o incontestavel merecimento do talentoso debutante.

Ruy Coelho tocou tambem um *Preludio* de Chopin e uma peça sua, que agradou bastante e foi bisada.

NOTA: — Ruy Coelho tocou em um piano de Bechstein, cuja cedencia nos foi por elle proprio sollicitada, e não em um piano de Ibach, como fez annunciar nos programmas. Em questões de correção, Ruy Coelho é positivamente sempre o mesmo!

* * *

Ante-hontem, 29, deve ter-se effectuado o concerto escolar da illustre professora, D. Adelia Heinz.

Impede-vos a coincidencia de datas de commentar este concerto, em que tomavam parte algumas das melhores discipulas da illustre leccionista, como D. Judith de Sousa Mello, D. Clarisse Alves Valladares, D. Emilia Rosa Alves Valladares, D. Maria Irene Pinto, D. Luiza de Carvalho, etc.

As audições de D. Adelia Heinz despertam sempre o mais vivo interesse; as alumnas estão optimamente preparadas e os programmas são excellentemente escolhidos. Temos por isso a convicção de que esta sessão terá sido mais um triumpho tanto para a professora como para as discipulas.



Graças á abençoada generosidade do professor Thimoteo da Silveira, o nosso modesto fundo em favôr dos Musicos Pobres acha-se augmentado com a verba de 35\$40. Provém este importante donativo, que do coração agradecemos, da marcação dos lugares para a audição dos alumnos d'aquelle illustre artista, effectuada a 23 d'este mez, e cuja importancia foi por elle offerecida á Caixa de Soccorro instituida pela nossa folia.

* * *

Em consequencia dos ultimos acontecimentos politicos, não se realisou a excursão do Orpheon Academico de Coimbra, sendo agora impossivel leva-la a effecto por virtude dos trabalhos escolares dos orpheonistas, que tem de fazer brevemente os seus actos finaes.

* * *

No dia 24 d'este mez, o ministro da Instrução Publica, sr. dr. Magalhães Lima, instalou a commissão nomeada pelo governo para estudar o modo de regenerar e ampliar o ensino da musica no nosso paiz.

Estiveram presentes os srs. Vianna da Motta, presidente da commissão, Antonio Ferrão, director geral de Instrução Publica, Moreira de Sá, Dr. José de Padua, Dr. Joyce, Augusto Machado, Thomaz Borba, Francisco Bahia, Matta Junior, Ribeiro de Carvalho (secretario) e Lambertini.

Por este ultimo foi lida uma exposiçào sobre o estado actual da musica em Portugal, trocando-se, sobre ella e sobre diversos assumptos, varias impressões e acertando-se em começar os trabalhos no dia seguinte.

O sr. ministro prometteu todo o apoio ás resoluções e propostas que a commissão houver de formular e assegurou que empenharia a sua melhor diligencia para que se augmentassem as verbas orçamentaes em favôr do ensino e divulgaçào da musica.

**

No proximo dia 12 effectua o tenor Julio Camara uma festa musical, em que deverá collaborar sua esposa e distincta pianista, Madame Ritta Camara, assim como o violoncellista João Passos, o violinista Luiz Barbosa, etc.

**

Em 19 do corrente realisou-se o enlace matrimonial da distincta professora e pianista, D. Maria Margarida Franco, com o sr. Samuel Arnaldo dos Santos Brito, digno empregado do quadro telegrapho-postal.

Aos noivos desejamos todas as venturas apêteciveis.

**

A Federação Academica de Lisboa projecta para o principio do proximo mez um novo sarau d'arte portugueza.

Deve ter lugar em S. Carlos, como o que se deu no mesmo genero em 25 de março.

**

O professor-violinista Carlos Dubini, do Porto, compoz ultimamente um *Quarteto em lá menor*, de que nos dizem muito bem.

A peça foi ultimamente executada na sala Mello Abreu, d'aquella cidade, pela sr.^a D. Ophelia d'Oliveira (primeiro violino), Carlos Dubini (segundo), Moreira de Sá (violeta) e R. Suggia (violoncello).

**

Recebemos o 1.^o numero da 6.^a serie de uma folha humoristica, litteraria, theatral e annunciadora, intitulada *A Feira de Santos*.

Agradecemos o envio.

**

Hontem deve ter-se realisado, no Jardim Trindade (Porto), o ultimo dos concertos symphonicos d'esta época.

Estava annunciado para 15 e não poude effectuar-se n'essa occasião, em causa dos ultimos acontecimentos politicos.

A proposito d'este concerto diz o *Diario de Noticias*:— «Foi avultadissima a concorrencia ao ultimo concerto d'esta collectividade artistica, que se realisou no Salão Jardim da Trindade.

Ao principiar o concerto recebeu o publico com surpresa a declaração do professor Raymundo de Macedo, que fora intimado pela policia judiciaria para não ser executada uma obra de Miguel Angelo, incluída no programma, por negação da autorisação dos herdeiros d'aquelle notavel professor.

A assistencia, no entanto, fez uma ovação calorosa e enthusiastica a Raymundo de Macedo.

O concerto decorreu com muito brilho, sendo acolhidos com nutridas salvas de palmas todos os bellos numeros do escolhido programma. Foram muito victorizados o distincto professor Raymundo de Macedo, o maestro Pedro Blanch e Lucien Lambert.

Uma discipula de Raymundo de Macedo leu uma mensagem da saudação a este professor em nome das restantes alumnas.

**

A começar na data de hoje e a terminar em 2 de julho, effectua o professor Rey Colaço, no salão do Gremio Litterario, uma série de audições pianisticas, em que terá occasião de apresentar-se uma grande maioria dos seus actuaes discipulos.

São seis segundas-feiras de optima musica, em que bem se define uma sapiente orientação artistica e mais uma vez se comprovarão os meritos pedagogicos do notavel mestre.

A penultima audição tem feição historica e a ultima consiste em um concurso, em que será executado por 23 alumnos o *Andante cantabile e presto agitato*, de Mendelssohn.

**

Em uma deliciosa *plaquette* que acabamos de receber, editada esmeradamente pela casa Ferin, diz-nos o talentoso critico, sr. Alfredo Pinto (Sacavem), toda a poesia que se encerra na portuguesissima palavra *Saudade*, descrevendo-nos ao mesmo tempo em sentidas notas a estrutura philosophica da sonata que Oscar da Silva compoz ha pouco sob aquelle thema e titulo.

Este bello trabalho de programmatica musical, cujo envio muito agradecemos, vem adornado com o retrato e uma pagina autographa do inspirado compositor portuguez.

**

Amanhã, 1 de Junho, tem lugar no salão da *Illustração Portuguesa* uma artistica sessão escolar, promovida pelo mui distincto professor do Conservatorio, sr. Marcos Garin.

Entre outros alumnos já conhecidos e applaudidos, tomarão parte n'esta festa os snrs. Lourenço Varella Cid, Antonio Fragoso, D. Hilda Carneiro e a propria filha do promotor, D. Maria Luiza Garin.

Agradecemos o convite.